

DAWN WATSON

Dawn Watson, você não enfrentou somente dor, mas enfrentou dor espiritual. Você não merecia isso, mas dessa experiência nasce uma força inacreditável. - **TONY ROBBINS**

A FORÇA QUE HÁ EM NÓS

Uma história que vai ajudá-lo a se reconectar com si mesmo, resgatar o amor-próprio e quebrar as dores do passado

Gente
editora

Material com direitos autorais

Diretora
Rosely Boschini
Gerente Editorial
Carolina Rocha
Assistente Editorial
Juliana Cury Rodrigues
Controle de Produção
Karina Groschitz e Fábio Esteves
Preparação
Vero Verbo Serviços Editoriais
Projeto Gráfico e Diagramação
Vanessa Lima
Revisão
Entrelinhas Editorial
Capa
Marcos Gubiotti
Cinta
Vanessa Lima
Desenvolvimento de eBook
Loope - design e publicações digitais
| www.loope.com.br

Copyright © 2018 by Dawn Watson
Todos os direitos desta edição
são reservados à Editora Gente.
Rua Wisard, 305 – sala 53
São Paulo, SP – CEP 05434-080
Telefone: (11) 3670-2500
Site: www.editoragente.com.br
E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catálogo na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Watson, Dawn

A força que há em nós : uma história que vai ajudá-lo a se reconectar com si mesmo, resgatar o amor-próprio e quebrar as dores do passado / Dawn Watson. – São Paulo : Editora Gente, 2018.

ISBN 9788545202172

1. Técnicas de autoajuda 2. Autorrealização 3. Felicidade 4.
Watson, Dawn, 1988- I. Título

17-1799

CDD 158.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Técnicas de autoajuda 158.1

Dedicatória

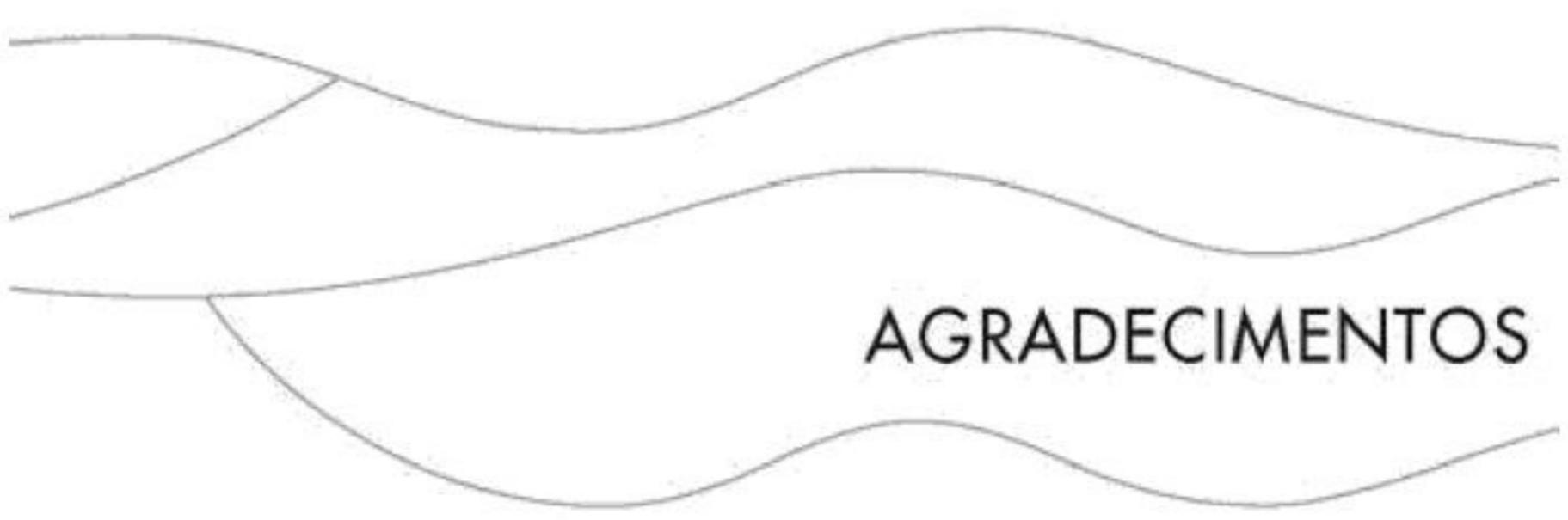
Quero dedicar este livro às pessoas que me inspiraram a ter coragem de quebrar o silêncio e viver na verdade. A todas as vozes que nunca foram ouvidas e a todas as histórias que nunca foram contadas. A todas as mulheres e todos os homens incríveis que viveram na comunidade Meninos de Deus, dedicando a vida a servir um propósito maior, pois, independentemente de toda a dor e todas as dificuldades durante a minha infância, também havia muito amor lá. Eu devo o que sou hoje a todas as pessoas incríveis que me criaram e me amaram, fazendo o melhor que podiam com o que tinham.

Eu dedico este livro à linda alma que um dia foi o meu pai, amigo e anjo. Ele acreditava que, mesmo com toda a dor que eu carregava, havia algo bonito sob tudo isso, algo que tinha o poder de não somente curar minhas feridas, mas também de curar a dor em outras pessoas. Seu amor liberou em mim um sentimento que viverá para sempre em minha vida.

Gostaria também de dedicar esta obra à minha mãe maravilhosa, que, pelo próprio exemplo de resiliência e amor, ensinou-me sobre perdão e força. Eu sei que a minha dolorosa trajetória nunca poderá ser comparada à dor que essa mulher passou, sendo que nunca vi em seus olhos ódio, ressentimento ou necessidade de justiça. O amor e a compaixão dela me fazem uma pessoa melhor a cada dia que passa. Se ela conseguiu passar por tanta dor sem nunca parar de acreditar e de amar, então eu também consigo...

E por último, mas não menos importante, a outra alma maravilhosa, Tony Robbins, que me proporcionou um lugar seguro para me curar, que me amou e me deu força para encontrar minha coragem e voz novamente.

A vida sempre nos dá anjos que não foram feitos para caminhar por nós, muito pelo contrário, o propósito deles é acompanhar-nos a distância e enviar todo o amor e esperança que precisamos para nunca desistirmos.



AGRADECIMENTOS

Q

uero agradecer à vida por todos os presentes dolorosos que eu recebi, todos os obstáculos, todas as lágrimas, todas as noites sozinha e todas as cicatrizes que hoje fazem parte da minha história. Porque cada uma dessas marcas me fez entender sobre o que realmente é a vida.

Elas me trouxeram um conhecimento profundo que eu nunca teria se não fosse pelos momentos de dor que enfrentei.

Hoje, entendo que até as sombras e a escuridão têm um propósito, e eu lhes dou boas-vindas em minha vida.

Sou muito grata pelos amigos que tenho, eles acreditaram em mim, aceitaram-me por quem eu realmente sou e ficaram ao meu lado nos momentos mais difíceis. Eles se tornaram a minha família e são parte da minha jornada de cura para voltar para meu lar, meu eu verdadeiro.

E obrigada a todos aqueles que vieram até mim depois do documentário, todo o amor e a confiança que vocês tiveram em mim foram inacreditáveis. Isso me elevou quando estava me sentindo lá em baixo, e me deu a força necessária para continuar sendo autêntica e verdadeira.

Sou verdadeiramente grata a você que dedicou seu tempo para parar e ler a minha história. Espero que possa inspirar e ajudar você da mesma maneira que me ajudou. Ser capaz de compartilhar minha vida com você me dá sentido e propósito, então saiba que, toda vez que vir um sorriso em meu rosto, você é parte do motivo pelo qual o amor e a alegria encontraram seu caminho de volta à minha vida.

Sou muito grata a Deus, que encontrou uma maneira para me mostrar o que o amor realmente é e usou cada dificuldade para me ensinar o caminho do perdão e da compaixão.

Agradeço também a força da minha alma, que sempre brilhou no escuro lembrando-me de que eu tinha tudo o que eu precisava bem ali, dentro de mim.

Não poderia deixar de mencionar o imperfeito ser humano chamado Dawn Marie Watson, que cometeu tantos erros e machucou tantas pessoas com suas sombras e dores. Porém, ela a cada dia me ensina a aceitar até essas sombras, porque elas me ajudam a crescer e me tornar um ser humano melhor. Ela me lembra do que eu sou feita e mantém meus pés no chão toda vez que me sinto confiante demais. Ela me ensina que sempre vou ser uma aluna nesta vida e sempre haverá algo novo para aprender e desenvolver.

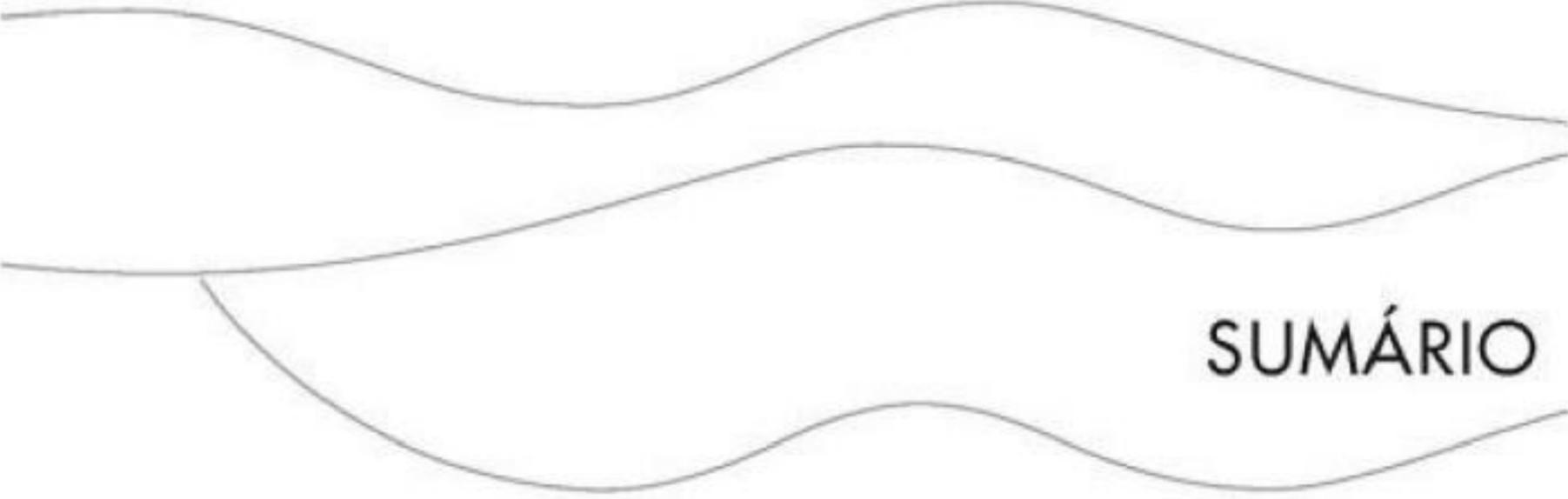
Jamais esquecerei o dia em que sentei na frente do computador, e ao assistir o vídeo do filho dos criadores da comunidade onde nasci, Ricky Rodriguez, chorei por horas, pois ao se ver consumido por tamanha dor, decidi tirar a própria vida, num ato extremo de pedir ajuda. Ele disse que não importava o que você viveu na comunidade, se você se sentiu mal ou não, é nossa responsabilidade quebrar o silêncio.

Naquele dia eu prometi a mim mesma que aprenderia como me curar, eu precisava achar outra saída e, quando fizesse isso, ajudaria a espalhá-la e faria tudo o que pudesse para acabar com a dor para que mais nenhuma vida fosse tirada. Nunca tive a oportunidade de conhecer Ricky Rodriguez pessoalmente, e tudo o que sabia sobre ele quando era jovem, quando ele morreu, foi que estava “cheio de demônios” e que Deus, de alguma forma, o punia. Aquele doce menino podia ter qualquer coisa, menos ter demônios. Ele era apenas um menino cheio de feridas profundas tentando desesperadamente achar um caminho para a cura. Tenho muito respeito por ele... sua vida não foi em vão.

Ele despertou tudo isso em mim, foi o primeiro a quebrar o silêncio mesmo não sabendo como parar a dor. Então, hoje eu mantenho a minha verdade com coragem e força, e faço isso por você, faço isso pelas milhares de vozes que nunca foram ouvidas e faço isso por mim também.

E hora de quebrar o silêncio e curar a dor... Ricky, se de alguma forma puder me ver, saiba que você foi visto, você foi ouvido, você foi amado e eu o levarei comigo aonde quer que eu vá.

Que desta vez, o amor vença!



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1.

O casulo

CAPÍTULO 2.

A vida real quando você está machucado

CAPÍTULO 3.

Sempre há uma segunda chance

CAPÍTULO 4.

Luz e sombra: deixando o meu verdadeiro eu surgir

CAPÍTULO 5.

As coisas começam a ficar claras

CAPÍTULO 6.

Luz e escuridão

CAPÍTULO 7.

O presente do perdão

CAPÍTULO 8.

Encontrando a minha verdade

CAPÍTULO 9.

Tudo começa dentro de você

CAPÍTULO 10.

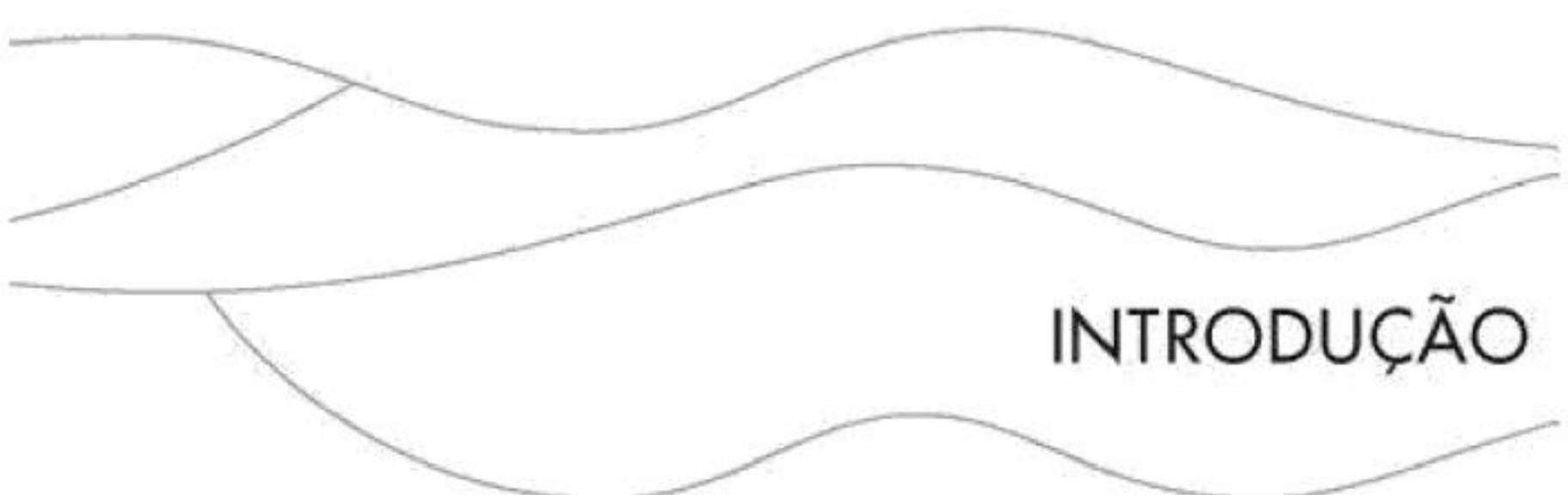
Meu encontro com o destino

CAPÍTULO 11.

Os propósitos da dor

CAPÍTULO 12.

Você tem a chave do amor



INTRODUÇÃO

Meu coração batia forte quando percebi o que acabara de fazer... Lá estava eu, de pé, no meio de milhares de pessoas que eu nunca havia visto na minha vida, em uma sala cheia de câmeras, enquanto um homem gigante caminhava na minha direção, pois eu havia acabado de admitir publicamente que era suicida. Com minhas mãos suadas, eu juntei forças para me levantar, mas agora não tinha ideia do que de fato iria fazer ou dizer.

Eu não precisava que ele me consertasse, porque sabia que não estava quebrada, não queria nenhum conselho de um coach ou de um guru para guiar o caminho da minha vida, uma vez que eu tive isso por tantos anos. Sendo assim, por que eu me levantei? Esses e outros mil pensamentos corriam pela minha cabeça enquanto esse homem se aproximava cada vez mais...

Olhando para ele, tudo o que eu pude dizer quando me perguntou por que eu estava tão triste era que eu estava cansada, mas, assim que ele me confrontou dizendo que de alguma forma eu não estava sendo sincera, algo em mim mudou. Do medo encontrei a coragem que eu mantive incubada por tantos anos, uma coragem que existia por trás do medo do julgamento e da rejeição.

Eu chegara a um momento da minha vida em que manter o silêncio, minha boca fechada, tornara-se mais doloroso do que manter todos os segredos do meu passado dentro de mim, com medo dos julgamentos dos outros.

Em dezembro de 2014, descobri pela primeira vez o que era a verdadeira liberdade interior. Sem pensar duas vezes, finalmente deixei tudo sair, as cargas pesadas de dor do meu passado que eu carregava havia tantos anos. A verdade sobre crescer dentro de uma comunidade sexual religiosa, a dor do meu constante abuso e estupro e, acima de tudo, a necessidade de ser vista como eu realmente era e não precisar me esconder mais sob uma identidade que só me trouxe sofrimento.

Então, foi aí que algo incrível aconteceu... Em uma sala repleta de milhares de pessoas de todas as etnias, culturas e religiões, ninguém expressou vergonha ou me julgou sobre o que viu e ouviu. Muito pelo contrário, todas aquelas pessoas se aproximaram de mim pelo amor. Eu fui vista pela primeira vez, fui ouvida pela primeira vez e uma sala cheia de estranhos se tornou minha família – pessoas em quem eu podia confiar e com quem podia contar.

Eu fui a esse evento com a intenção de encontrar alguma ajuda para mim e para aqueles que amava, e a vida foi tão generosa que me deu mais do eu que poderia pedir.

No entanto, eu mal sabia que um dia esse momento de coragem exigiria ainda mais de mim quando o evento se tornasse um documentário e minha vida e a verdade estariam expostas ao mundo. Na realidade, tornou-se um documentário de grande sucesso da Netflix, algo que eu jamais poderia imaginar quando me levantei naquele salão cheio de gente.

Veja só, vivemos em um mundo que às vezes pode ser bastante crítico e hostil. Um mundo cheio de seres humanos, assim como você e eu, que percebem as coisas através dos olhos das próprias dores e experiências. Mesmo que não desejemos julgar, parece que às vezes é mais forte do que nós, e nos pegamos questionando as pessoas. “Eu nunca faria algo assim”, “Que comunidade terrível!”, “Provavelmente era cheia de pessoas terríveis e monstruosas” ou “Duvido que essa fosse a verdade”, “Eu vivi as coisas de maneira diferente, então ela está mentindo”.

Recebi todos os tipos de mensagens depois do documentário e, no início, era muito difícil lidar com isso, senti-me julgada e vi pessoas que amo enfrentar os mesmos desafios, no entanto, tomei uma decisão. Em vez de me esconder e voltar à bolha de silêncio para agradar aos outros,

agora falaria mais alto, mas desta vez eu ia orientar as pessoas. Não só pelo meu caminho de dor, mas para ajudá-las a ver os caminhos do amor e da cura que encontrei através da minha dor.

Para mim, este livro é como uma janela para a minha vida, uma chance de continuar o que um dia eu comecei, uma jornada para viver em um espaço de autenticidade, vulnerabilidade e verdade. Estou ciente de que a “verdade” é muito única, cada um tem a sua. Passamos pela vida e a experimentamos de maneira que ninguém realmente pode entender ou perceber até tomarmos a atitude de lhes dar esse presente, um vislumbre do nosso mundo, pelo qual conseguem ver tudo através de nossos olhos, para que possam sentir e experimentar a beleza disso. Alguns apreciarão esse presente, outros o jogarão fora. Contudo, isso não depende de nós, e viver com medo do que os outros farão com o seu presente faz de você um prisioneiro em seu próprio mundo.

EU FUI VISTA PELA PRIMEIRA VEZ, FUI
OUVIDA PELA PRIMEIRA VEZ E UMA SALA
CHEIA DE ESTRANHOS ME DEU UMA
FAMÍLIA – PESSOAS EM QUEM EU PODIA
CONFIAR E COM QUEM PODIA
CONTAR.



Este livro é uma chance de contar minha história para você, mas não de fazer um estudo focado sobre comunidades religiosas ou sobre o Children of God, em português, Meninos de Deus,¹ a comunidade religiosa em que nasci. Se você quiser saber mais sobre a comunidade, existem ótimos livros e sites de referência – mas esta é minha história para você, tem um propósito de cura e pretendo ficar focada nisso. Nesta jornada, peço-lhe que deixe de julgar, porque na vida todos nós

machucamos e somos feridos em algum momento. A chave para ser livre é se abrir em relação à dor que você está carregando.

Já me fechei antes e é doloroso, então, hoje acolho essa liberdade com braços abertos e compartilho com você os detalhes da minha viagem de volta para o meu lar, o lar do amor que existe dentro de cada um de nós. Tenho 28 anos agora, mas vivi uma vida que parece de cem anos... Enfrentei algumas das tempestades mais sombrias da existência. Formei-me na arte do perdão, porque a vida sempre foi muito generosa quanto à quantidade de experiências dolorosas que atravessei, assim como às pessoas que precisei perdoar, incluindo eu mesma.

Fui gravemente machucada, mas também machuquei muitas pessoas. Sei como é o sentimento de ser roubado de si mesmo e os danos da manipulação mental religiosa. Conheço o sentimento de nunca ser suficientemente bom, não importando o que você faça, ou o quanto se esforce, você simplesmente nunca se encaixa de verdade. Carreguei as cicatrizes de abuso e estupro. Não no meu corpo, porque essas desaparecem depois com o tempo, mas as feridas em minha psique emocional que construíram paredes tão altas ao meu redor com a intenção de me proteger para nunca mais ser machucada. Essas mesmas paredes se tornaram minha prisão, e ninguém jamais poderia me alcançar. Assim percebi que havia perdido meu caminho, mal me reconhecia...

Lar, esse lugar seguro para o qual eu adorava ir quando era apenas uma criancinha, onde tudo era possível, e eu podia criar o mundo que eu desejasse dentro de mim, mas que em um piscar de olhos, eu perdi o caminho e tudo desapareceu...

Hoje ainda tenho muito a aprender e sei que estou apenas começando a entender a beleza dos mistérios da vida. Mas uma coisa eu sei, a dor é inevitável, não posso controlá-la por fora e muito menos por dentro. Há, porém, uma maneira de não viver uma vida de sofrimento, culpa e vergonha e foi assim que percebi a dor, a relação que tive com ela e como permito que ela funcione através de mim.

Você pode permitir que a dor o destrua; pode tentar fugir dela, adormecer para a vida ou pode vê-la como um presente, que o conecta à sua grandeza e ao seu propósito, lar de todo amor e alegria.

HOJE AINDA TENHO MUITO A
APRENDER E SEI QUE ESTOU APENAS
COMEÇANDO A ENTENDER A BELEZA
DOS MISTÉRIOS DA VIDA.



Não acredito que a única maneira de crescer e evoluir seja através da dor, mas se ela se apresenta com tanta frequência em nossa vida, por que não encontrar mecanismos para reciclá-la e permitir que nos impulse à grandeza? Eu tinha todas as desculpas para ser uma vítima e me esconder atrás da dor, mas aonde isso me levaria? O que isso diria sobre mim? Na minha vida, eu escolho retomar o poder que eu tinha dado aos outros, escolho criar um futuro de liberdade e amor e o único jeito para fazer isso é não me esconder de minha história e do meu passado, nem me envergonhar disso.

Entendi que nada poderia ser jogado fora, toda experiência, cada momento doloroso poderia ser usado como combustível para me guiar de volta para o meu lar, de volta para mim, o Eu antes de toda a dor. O Eu que amava a vida, que acreditava nela e confiava que tudo ficaria bem no final. Que mesmo que este mundo parecesse assustador e desconhecido, eu estava sendo cuidada e que “ser boa o suficiente” não era algo que eu precisasse fazer para merecer esse reconhecimento. Eu nasci suficiente, nasci amada, fui feita pelo amor e esse era meu direito de nascença, e nada que eu pudesse fazer mudaria isso.

Então convido você a ver a dor e as dificuldades da vida através de lentes diferentes. As que me ajudaram a transformar a minha vida. Convido você para uma viagem às minhas maiores tempestades, mas também aos mais incríveis alvoreceres. Convido você a testemunhar a magia que acontece quando finalmente entendemos e experimentamos o perdão, e estou tão grata a você, porque se parou para pegar este livro e separar um tempo de sua vida ocupada para lê-lo, é porque também é um questionador, que busca parar o sangramento por dentro. E lhe garanto

que, até o final deste livro, algo mudará dentro de você. E a vida não parecerá mais tão pesada, porque você descobrirá o caminho de volta ao seu lugar seguro, você terá encontrado a chave perdida, que lhe dá acesso ao seu lar. Nesse lugar você saberá que não pode controlar o que acontecerá com você ou com as pessoas que ama, mas sempre terá tudo de que precisa, bem dentro de si, para se levantar, começar de novo, recuperar o poder e se tornar o autor da sua vida. E, sim, as cicatrizes são apenas a prova viva da sua capacidade de se curar. Nada do que se envergonhar.

Somos todos heróis, todos temos uma história e quanto mais a partilhamos, mais deixamos que outras pessoas vejam a beleza que está além das paredes do nosso coração.

O caminho da borboleta é extraordinário, representa nossa jornada de transformação e crescimento, ele nos ensina o que realmente é a confiança. Então, comece-o...

Com muito amor,
DAWN WATSON

SOMOS TODOS HERÓIS, TODOS TEMOS
UMA HISTÓRIA E QUANTO MAIS A
PARTILHAMOS, MAIS DEIXAMOS QUE
OUTRAS PESSOAS VEJAM A BELEZA QUE
ESTÁ ALÉM DAS PAREDES DO NOSSO
CORAÇÃO.



1 Se você quiser saber mais sobre a vida dos Meninos de Deus, recomendo o livro de Kristina Jones, Celeste Jones e Juliana Buhning, *Not without my sister* [Não sem minha irmã] (Harper Element, 2013). (N.A.)



antes de começar...

Todos nascemos com desafios específicos pelos quais, de alguma forma, parte de nós sabia que teria de passar. No entanto, com esses desafios, também fomos dotados de ferramentas que nos ajudariam a vencer cada batalha interna.

Nosso criador sabia que existiriam noites escuras, que seria difícil enxergar e às vezes perigoso, então ele colocou uma luz dentro de nós, que nenhum vento poderia apagar, e certificou-se de que ninguém poderia roubá-la, e ele a chamou de... Alma.

Ele nos deu essa bela experiência chamada vida, e nos deixou fazer o que queríamos com ela, mas ele sabia, por causa da nossa expressão imperfeita como seres humanos, que geraríamos muita dor, tanto externa quanto interna. Por isso, ele sabia que ficaríamos perdidos na dor. Esquecendo nossa luz, esquecendo o nosso valor e, no final, distanciando-nos de quem somos realmente, do que somos feitos, da nossa força e até de quanto somos amados.

E então, ele usou toda a Dor que geramos e transformou-a em um útero, chamando-o de Casulo.

Ele tomou a escuridão e transformou-a em luz. Ele deu propósito a essa dor e, como o útero de uma mãe, transformou as situações dolorosas da vida em uma passagem para a cura.

O mesmo veneno que poderia matar, ele transformou em antídoto, o remédio para combater os efeitos do veneno. Ele

tanto poderia matar como curar, dependeria de nós, estava dentro de nós e para acessar essa cura tínhamos que aprender a CONFIAR, confiar no ciclo da vida.

Confiar que a vida está trabalhando a nosso favor. Confiar que não estamos sozinhos e que temos tudo de que precisamos para nos curar, bem dentro de nós. Entretanto, para acessar isso, tínhamos de deixar o ciclo do casulo e da dor completar seu propósito em nossa vida.

Soltando toda a pele velha e danificada, permitindo que a dor nos leve de volta ao nosso lar, um lugar de entrega e confiança. Permitindo-nos cuidar de um útero quieto e amoroso, onde todas as nossas feridas possam ser curadas e, por meio do processo de perdão, poderíamos entender nossas verdadeiras capacidades para ver além do nosso ego e de nossa mente limitados e sentir amor incondicional. Tudo isso só é possível quando extraímos o amor da nossa fonte, da nossa alma.

E, por último, mas não menos importante, ele nos deu uma chave, a chave para nossa vida. Só nós poderíamos acessar os dois mundos que vivem dentro de nós. A chave que abriria todas as portas do amor interior, a chave que dava acesso ao nosso lar, nosso lugar seguro. A chave que poderia desbloquear nosso potencial, nosso propósito e nossa alegria. Certificando-se de que nada no mundo exterior tivesse o poder de entrar nesse lugar, ninguém poderia roubá-lo, porque nós éramos os guardiões da chave, tínhamos o poder sobre nossa própria vida e ninguém tinha acesso a ela.

Essa chave era tão poderosa que nos deu livre acesso ao submundo, aos lugares escuros dentro de nós mesmos, e isso nos permitiu ir e vir sem ficarmos presos. Podíamos passar o tempo em ambos os mundos, aprendendo e explorando todos os quartos em nosso lar. Tudo o que nos fez quem somos. Nossa luz e nossa escuridão.

Como crianças, nunca tivemos medo de nossa escuridão, muito menos de nossa luz. Não nos envergonhávamos de roubar e fazer coisas inadequadas, e nós não nos importávamos com o

que as pessoas pensavam enquanto corríamos nus, pulando na lama, fazendo o maior barulho enquanto ríamos com o máximo de nossa voz e simplesmente nos divertíamos. Adorávamos explorar a nossa imaginação, criar histórias e viver dentro delas. Explorávamos nosso corpo e nossa capacidade de sentir, desfrutando os prazeres da nossa sexualidade em sua forma mais pura e profunda, sem culpa nem vergonha. Tínhamos a chave, poderíamos ir e vir quando desejássemos. Sabíamos que a vida era pequena demais para nós, éramos os reis e as rainhas e a vida nos servia.

Isso tudo, porém, veio ao chão quando deixamos alguém roubar essa chave, e a dor bateu forte, alguém arrombou a porta e invadiu nosso lugar seguro. Machucaram-nos tão profundamente, despedaçaram-nos de maneiras que pareciam irreversíveis. E naquele momento, esquecemos do que fomos feitos, esquecemos quem éramos. Demorou algum tempo, até que finalmente nos convencemos de que não éramos mais dignos de ser os detentores da chave, ficamos com medo de que fosse nossa culpa, de que não fôssemos fortes o suficiente. Como pudemos ter deixado isso acontecer? E, assim, acabamos entregando nosso poder, nós demos a chave para a mesma pessoa que nos feriu; "o mais forte sempre vence", pensamos e deixamos que nos trancassem em uma prisão interna.

Presos em nossa própria escuridão, não conseguíamos enxergar nenhuma luz. Sabíamos que em algum lugar lá dentro nossa luz ainda vivia, mas, agora, sem a chave, parecia quase impossível acessá-la novamente.

Dias, meses e anos se passaram, e agora aquela criança feliz tornou-se um adulto. Ele encontrou um modo de transformar a cela escura em seu lar. Ele pintou com cores vivas para que ninguém percebesse, aprendeu a viver sob essas condições de medo e vergonha. Ele mesmo se proclamou o "rei da escuridão" e usou isso de maneira que as pessoas o adorassem e o aceitassem. Mesmo que a piedade não fosse algo que ele quisesse receber, pelo menos isso lhe trazia algum senso de atenção e amor.

Ele usou sua prisão como desculpa para não precisar sair e se divertir mais porque, afinal de contas, ele estava trancado, e não tinha mais a chave nem o controle sobre sua vida. Ele deixou que as circunstâncias definissem quem ele era e o que sua vida seria dali por diante. Ele fez dessa prisão seu lar e sua escuridão, sua sentença permanente.

Um dia surgiu uma grande tempestade que sacudiu toda a estrutura dessa casa. Parecia que era o fim. O homem pensou, "desta vez não vai restar nada, nem mesmo a minha vida". Nada ficara no lugar, as coisas estavam sendo jogadas de um lado para o outro, agora, mesmo a casa que ele havia construído estava em pedaços. Tudo fora do lugar, água entrando pelo teto, pelas calhas e pela porta. A água veio derrubando as paredes e começou a inundar tudo.

Você já se sentiu como se o mundo caísse sob seus pés, como se não tivesse mais nada, nada para esperar, nada para sonhar, ninguém para amar? Sentindo-se como se você tivesse sido roubado de si mesmo, como se tivesse chegado tão longe de quem você é, que, seja lá o que você visse no espelho, não podia mais se reconhecer? Você já sentiu como se não importasse o que você fizesse, não poderia reparar o dano causado a você?

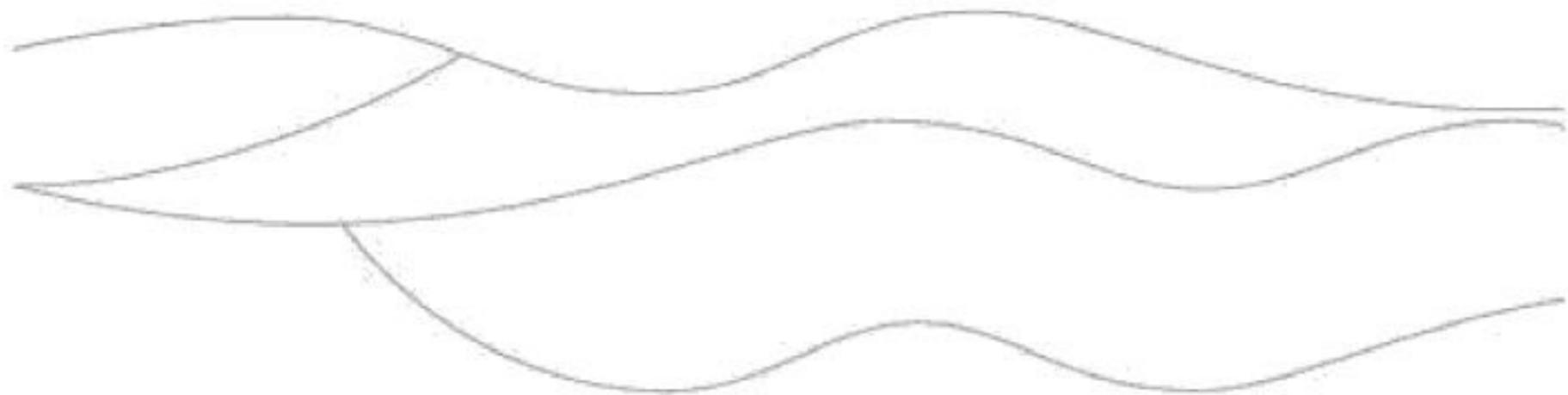
A vida, em certas ocasiões, traz as maiores tempestades no nosso caminho, não para nos destruir, mas para derrubar as paredes que construímos para nos proteger de sermos machucados de novo. O problema é que não percebemos que essas paredes se tornaram nossa prisão e agora são a causa de toda nossa dor e todo nosso sofrimento. E às vezes precisamos de algo para agitar aquilo a que nos acostumamos para que possamos perceber a bagunça em que estamos.

À medida que as águas lavavam tudo, o homem percebeu que a porta agora estava aberta, e ele podia se afogar naquele quarto escuro ou nadar como um homem livre e recuperar o que era dele. Ninguém poderia fazer essa escolha por ele. A vida tinha vindo lembrá-lo de que o mesmo que vem e traz dor

também é a porta para a liberdade e a cura. A chave nunca foi tirada dele, ele só desistiu dela por acreditar que não era digno de tê-la.

Muitas vezes na vida, em nossos relacionamentos, acabamos desistindo de nossa chave, deixando-a para alguém que não sabe fazer bom uso dela. Deixamos que outro assuma, coloque coisas e retire-as do nosso lugar seguro, do nosso lar, sem nossa permissão. Tornamo-nos cegos a isso, chamando-o de amor, paixão, admiração e fé. Nós nos apaixonamos, conhecemos um grupo incrível, seguimos um líder espiritual e todos parecem tão gentis, muito mais fortes que nós e mais capazes de viver a vida, então, em vez de compartilhar essa experiência, aprender e crescer com essas pessoas, acabamos dando-lhes total acesso à nossa vida. Damos a eles muitas vezes mais do que nos pediram. Deixamos a verdade deles se tornar a nossa verdade, os pensamentos, as crenças e as palavras deles se tornarem nossos, e nos perdemos de vista. Confundimos abuso, controle e posse com amor. Desejamos tão terrivelmente pertencer a algo, que não nos importamos em abrir mão da posse de nossa própria vida, de nossa chave. Ninguém nem nada podem tirar de nós o que não estamos dispostos a entregar.

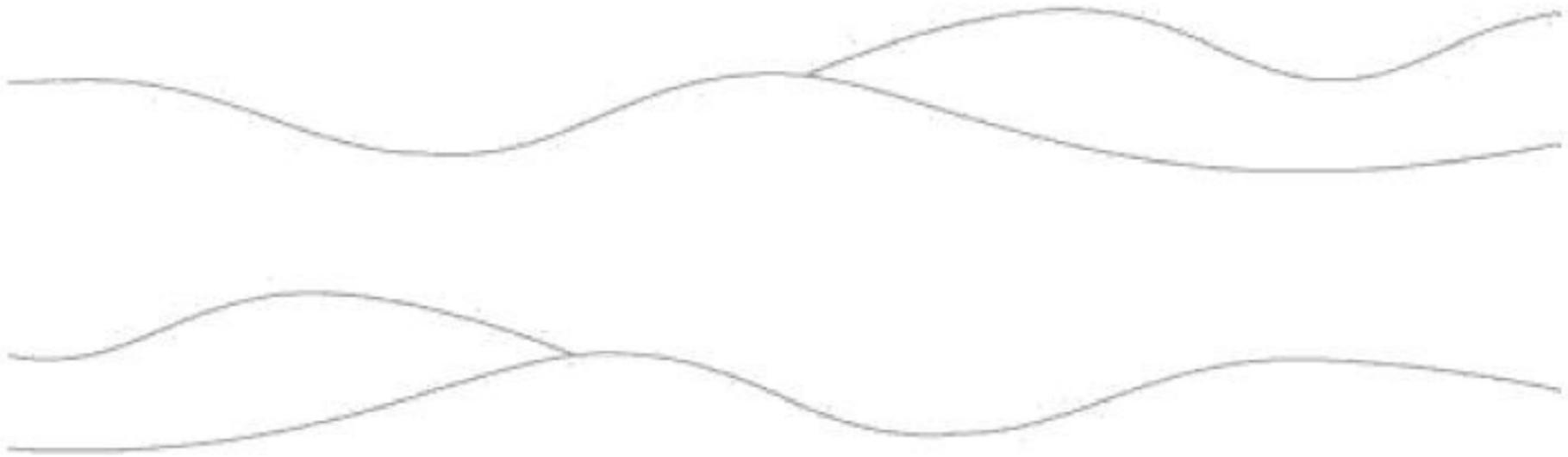
continua...



CAPÍTULO 1

o casulo





Se você assistiu ao documentário da Netflix *Tony Robbins: Eu não sou seu guru* ou até mesmo procurou meu nome na internet, já sabe que passei por muita coisa nestes 28 anos.

Nascer em uma comunidade religiosa cheia de manipulação mental, com o abuso como parte de nossa vida cotidiana e com uma filosofia mascarada como “amor”, faz você se perguntar como Deus poderia deixar isso acontecer com você e tantos outros.

Aprendi que o amor não era mais do que uma doação total de todo o seu corpo, alma e mente. Que Deus queria isso de nós e não menos. A entrega total a ele e a todos os homens que atravessassem meu caminho.

Ensinarão-me que a sexualidade era nossa maior arma e, se a usássemos bem, poderíamos mudar o mundo e fazer dele um lugar melhor para viver. Ensinarão-me que a melhor coisa sobre nós era esse tipo de amor que oferecemos. “Não há amor maior do que este, em que você oferece sua vida pelos irmãos”, eles diriam.

Oferecer meu corpo, mente e alma.

Essas crenças só me trouxeram sofrimento e dor. Despojaram-me do meu amor-próprio e do meu orgulho. Fizeram eu me sentir vulnerável e desprotegida.

Essas crenças me transformaram em uma fonte de energia sexual que me causou muita dor e perda. Perda após perda. Essas crenças fizeram que eu me conformasse que só era boa para isso, meu propósito e meu maior valor eram um instrumento sexual aos olhos dos homens e de

Deus, nada mais, nada menos. Transformou-se em minha maneira de me sentir amada e importante.

Crescer nos Meninos de Deus (MDD) definitivamente não era a infância comum. Meu mundo estava cheio de estranhos que se tornaram minha família, tios, tias, até mães e pais. Todos nós éramos uma grande família, mas não havia um verdadeiro senso de segurança e proteção. No nosso dia a dia, a vida era mais ou menos assim: todas as manhãs eu era acordada pelos missionários (ou tios e tias como eles nos pediam para chamá-los), cantando canções de louvor. Todos sempre pareciam tão felizes e empolgados por estarem vivos. Sempre houve música, fortes abraços de manhã seguidos de “Eu te amo”, “Jesus te ama”! Nós dormíamos em grandes quartos cheios de beliches, o que era realmente um privilégio, pois muitas outras comunidades apenas tinham colchões que preenchiam os quartos.

Todos almoçávamos juntos, depois alguém lia a Bíblia ou as cartas de David Berg, fundador dos Meninos de Deus. David tinha uma equipe de artistas que traduzia suas crenças e suas regras em uma revista infantil, que tinha muitas imagens diferentes e era muito bem ilustrada de maneira que nossas pequenas mentes podiam entender e assimilar os conceitos. Depois do nosso café da manhã, tínhamos nossas tarefas diárias de limpar a casa e cozinhar para todos os membros da comunidade. Cada casa era diferente e nos mudávamos quase todos os meses, mas a quantidade média de pessoas vivendo juntas era de cerca de trinta a cem, contando todas as crianças.

Depois das tarefas, tínhamos nossos estudos bíblicos, nos quais aprendíamos tudo sobre o Antigo e o Novo Testamento. Eles nos diziam que, como os discípulos, estávamos trazendo de volta o desejo mais profundo de Deus, de viver juntos e ter tudo em comum. E era assim que vivíamos. Nada era meu, nem minhas roupas, nem meus brinquedos, nem meus pensamentos, nem minhas escolhas e decisões, nem meu corpo, nem minha mente. Tudo estava destinado a servir uma causa maior que eu nunca poderia realmente entender.

Em nossas revistinhas de crianças, aprendemos sobre David Brandt Berg, o fundador da comunidade. Elas eram preenchidas com uma imensa variedade de assuntos que logo se tornariam minhas crenças.

Eram divertidas e muito bem ilustradas, mostravam fotos e desenhos da casa de Berg, suas crianças e esposas nuas e histórias de sua família real. Aprendi que ele era o homem que salvou a vida de minha mãe e a vida de todos os meus tios e tias.

Eu vi o amor, a admiração e a dedicação que eles tinham com Berg. Eles o chamavam de pai e, conseqüentemente, ele se tornou nosso avô e pediu que fosse chamado assim. Aprendi que nasci em um grupo de pessoas muito seletas que Deus escolheu como o grupo ungido e de elite. Usufruíamos do privilégio de ser os únicos que não só teriam a vida eterna, mas se tornariam os criadores de um mundo novo, o mundo por vir. O mundo em que vivemos agora não era senão destruição e governado pelo próprio diabo.

Desde muito jovem, minha mente estava sendo moldada para que eu fosse a discípula perfeita, uma seguidora destinada a nunca abandonar a causa. Como eu poderia fazer isso? Não sabia que havia algo melhor, não tinha opção. Minha mente não podia sequer contestar toda essa informação, eu não tinha ideias ou realidades opostas para criar conflitos. Esse era o meu mundo e Berg o governava. Ele era o rei, a sombra de tudo o que fazia parte do meu mundo, dos alimentos que comíamos, das músicas que ouvíamos e dos livros que líamos.

Nossa imagem e nosso conhecimento de Deus e amor, nossa noção do mundo “lá fora” e nosso papel nesta vida, tudo era governado por ele.

Berg acreditava que o mundo acabaria e que nós, os filhos, a segunda geração, éramos os guerreiros do fim dos tempos. Nós fomos escolhidos por Deus para morrer por sua causa. Deus destruiria o mundo do mal e nossa responsabilidade era ajudar a salvar as almas que acreditavam n'Ele e aceitar a vida eterna. Todos os dias líamos, assistíamos e nos preparávamos para o fim do mundo.

Tanto quanto consigo me lembrar, essa foi a crença mais terrível para mim. Estávamos sendo preparados e tínhamos a responsabilidade de nos dotarmos espiritualmente das ferramentas necessárias para estar prontos para dar nosso corpo e nossa vida a essa causa.

DESDE MUITO JOVEM, MINHA MENTE
ESTAVA SENDO MOLDADA PARA QUE
EU FOSSE A DISCÍPULA PERFEITA, UMA
SEGUIDORA DESTINADA A NUNCA
ABANDONAR A CAUSA.



Eu era tão jovem, minha vida estava apenas começando, no entanto, o fim já havia sido previsto. Ao ler suas cartas, Berg falava muito sobre uma mulher que se chamava A Menina do Céu. Ela era a super-heroína do nosso mundo, que Berg controlava enviando cartas para todas as comunidades com as histórias, os ensinamentos e as recomendações sobre como deveríamos viver e no que deveríamos acreditar.

A Menina do Céu logo se tornaria minha heroína e a mais forte crença. Ela era um personagem que Berg inventou para nos ajudar a entender o poder da sexualidade e do amor de uma mulher, que poderia desarmar o próprio diabo e derrotar todo o mal.

Ela tinha os cabelos escuros e compridos que quase tocavam o chão. Estavam sempre trançados e eram usados como arma. Ela era muito sexy e estava sempre nua com corações cobrindo suas partes íntimas.

Virando as páginas dessas revistas, adorava ver a maneira como ela superava o mal e tinha superpoderes. Ela daria seu amor e seu corpo à causa e, portanto, não morreria. Tinha cerca de 15 anos e passou por terríveis experiências chegando a ser perseguida pelo anticristo, mas, ao ser violada por alguns guardas, em vez de resistir, ela ofereceu seu amor para esses homens. Ali, eles foram convertidos e depois resgataram-na, salvando sua vida.

Berg estava nos ensinando que o abuso e o estupro não eram ruins, só se tornavam ruins quando feitos por meio da violência. “Para aquele que é puro, tudo é puro”, ele diria. Comecei a entender que a maior arma que

eu tinha para me proteger era a minha sexualidade e, se eu a desse livremente, eu me manteria segura.

Quando criança, ao ler os livros que falavam sobre *Flirty Fishing*², na verdade não entendia nada sobre o que realmente era, mas isso eu entendi. Aprendi que o meu maior poder para vencer o mal, a morte e o medo que os acompanhava era dar meu corpo e “amar”. Minha sexualidade era a minha maior virtude, dada por Deus, não só para salvar-me do mal, mas para ser honrada e privilegiada aos olhos d'Ele. Aprendi que essa era a única maneira de expressar verdadeiramente meu amor e minha dedicação.

Vivíamos em casas grandes, cheias de fãs delirantes, discípulos dedicados a um homem que, aos olhos deles, era a conexão mais íntima com Deus.

Não havia absolutamente nenhum espaço para mentes que questionavam, nenhum espaço para a desobediência e, se isso acontecesse, eles se certificariam de que voltássemos ao nosso lugar muito rápido. Surras não eram algo ruim aos seus olhos. Deus nos castigava porque Ele nos amava. Tudo, é claro, tinha de ser justificado pelo “amor”. Quando dizíamos qualquer coisa que ia contra as palavras de Berg, éramos punidos de maneiras diferentes, como ter nossa boca lavada com sabão ou tampada com fita adesiva, ser espancados com diferentes objetos, como colheres de metal, vassouras de madeira ou apenas com a mão, se sua ação não fosse tão grave. Não consigo me lembrar de todas as coisas “ruins” que fiz, mas posso me lembrar de todas as surras. Um dia depois de receber uma sova que parecia durar para sempre, olhei para mim mesma no banheiro, meu bumbum estava completamente ferido. Eu estava tão brava, “como eles podem dizer eu te amo, como isso pode ser amor?”. Essa foi a primeira vez que comecei a me perguntar e a questionar o que realmente era o Amor.

Na maioria das vezes meus tios e minhas tias eram muito gentis comigo. Eles me ensinaram sobre Deus e amor. Como Jesus havia morrido na cruz e passou por tanta dor para que eu pudesse ter a vida eterna. Tivemos momentos em que todos se uniram para louvar a Deus e eu me sentia muito bem. E, então, as mesmas pessoas que me abraçaram,

que me amaram, mais tarde me machucariam. Era como se Deus e o amor viessem com um preço.

Eu era posse dele, cada pensamento e cada ação, e a única maneira de experimentar verdadeiramente seu amor era através da dor. Eu me sentia presa por um acordo que eu não tinha feito, sentia que isso era injusto, como se Ele fosse o único que se beneficiasse disso. Eu não tive a opção de amar ou não, dar minha vida ou não, obedecer ou desobedecer. Não havia escolha, eu nasci como um produto daquele mundo onde precisava confiar e seguir um homem que ditava toda a minha vida, eu não poderia simplesmente discordar dele, eu não podia não amá-lo. Meu amor e minha dedicação eram necessários e tratados como um pré-requisito. Não eram meus para dar. Deus morreu por mim, portanto, eu já estava em dívida com Ele. E teria de gastar o resto da minha vida pagando por ela.

Crescer no MDD tinha coisas ruins e boas, e isso trazia muita confusão interna. Aprendi ainda muito jovem a ser responsável. Eu tinha de aprender a cuidar dos bebês, trocar as fraldas e ensinar-lhes a ler. Aprendi a cozinhar, limpar, desenhar, dançar e cantar. Tivemos muitas aulas de artes e ofícios diferentes das quais eu gostava muito. Berg queria que nós estivéssemos bem capacitados nessas áreas para podermos apoiar o crescimento das comunidades. Outras coisas, porém, como a educação formal e a noção do mundo exterior, não foram algo a que eles deram muita atenção. Lembro-me de algumas comunidades que, à medida que eu cresci, começaram a me ensinar um pouco mais de História, Matemática e coisas básicas. No entanto, durante a maior parte da minha infância, eu não tinha ideia de mais nada além do que Berg me apresentou. Eu quase não sabia ler e escrever. Se fosse boa o suficiente para ler suas cartas, então já servia para o propósito.

Não havia atividade como assistir à televisão, eu nem sabia que existiam programas de televisão nessa época. Nós assistíamos a filmes da Bíblia e vídeos que o MDD criou. Nossas mentes estavam sendo alimentadas 24 horas por dia, e sonhar acordado chamava-se dar a mente ao diabo. Eles se certificavam de que nossa cabeça estava ocupada e bem dirigida. Mas, crianças são sempre crianças e sempre tínhamos uma

maneira de ser travessos e criar modos de tirar nossa mente da rotina rigorosa.

ESSA FOI A PRIMEIRA VEZ QUE COMECEI
A ME PERGUNTAR E A QUESTIONAR O
QUE REALMENTE ERA O AMOR.



Parecia que todos fazíamos parte de um grande jogo de “siga o líder”, mas era nossa vida que estava sendo jogada, movida para um lado e para o outro como em um jogo de xadrez. O que agradasse a Berg, o que quer que fosse e servisse a seu magnífico jogo de poder e desejos, ele não hesitaria em mover. Famílias eram partidas, irmãos e irmãs separados, esposas e maridos separados e encorajados a encontrar novos parceiros, se assim servissem melhor em seu jogo.

Ele falava sobre como Deus queria destruir os núcleos familiares e criar uma só grande família, na qual todos eram sua mãe, seu pai, seus irmãos e suas irmãs, todos juntos por uma causa e apenas uma causa. Tudo para que fôssemos tão dedicados e dependêssemos dele mais do que de qualquer outra conexão.

A maioria de nós nunca conheceu esse homem pessoalmente, pois ele sempre se escondeu em comunidades secretas. Disseram-nos: “Como Jesus sofreu perseguição, assim sofre o nosso líder”. Entretanto, mesmo muito longe, ele estava presente em tudo o que dizíamos ou pensávamos, seus livros e suas cartas se tornaram nossa Bíblia, e cada palavra era sagrada e divinamente guiada. Ele era a voz de Deus para nós e nossa conexão com o divino.

A mesma força de amor e admiração que sentíamos por ele também existia em termos de medo de desobedecer às palavras e às instruções dele.

Nós líamos histórias que ele publicou sobre pessoas em sua comunidade que desobedeceram um dos seus comandos, atreveram-se a

sonhar com a vida fora da comunidade, as mulheres que se recusaram a dar livremente o seu amor aos homens ou mesmo crianças que não queriam interações sexuais com ele, como todos foram severamente punidos e humilhados publicamente como exemplos do que não fazer. É claro que ele sempre dizia que era em nome do Amor e do nosso próprio interesse. Eu me lembro de ficar pensando: como é que pode existir tanto amor, tanta espiritualidade e, ao mesmo tempo, tanta maldade e perversidade em uma pessoa?

Ao crescer em uma comunidade, nada era autêntico, todos faziam as mesmas coisas, cantavam a mesma música, estudavam os mesmos assuntos do fim do mundo e preparavam-se para isso.

Não havia outros livros nem influências de nenhuma outra fonte. Nossas crenças deveriam consistir exclusivamente na Bíblia e na visão de Berg sobre ela, além de suas interpretações novas e radicais.

Nascer nesse ambiente era um dos tormentos mentais mais controversos e confusos pelos quais uma criança poderia passar. Primeiro havia a insegurança de não ter uma estrutura familiar, fazendo parte da grande família, na qual todos se tornam suas tias e seus tios, suas mães e seus pais, seus irmãos e suas irmãs. Todos tinham o direito de fazer qualquer coisa com você se achassem que era necessário ou se lhes agradasse de alguma maneira.

Não havia vínculo de amor e confiança, ninguém com quem eu realmente pudesse contar quando estava com dor.

As mulheres da comunidade, na maioria das vezes, eram muito bondosas e sempre tinham um grande sorriso no rosto, sempre louvando a Deus em tudo o que faziam, lavando a louça, limpando os pisos, cuidando das crianças. Mesmo quando deveriam sair sem seus maridos e filhos para, como Berg pedia, “Sacrificar seus corpos em nome do amor”, elas faziam isso acreditando que estavam servindo a uma causa.

Eu sabia que estávamos em um mundo onde os homens tinham a maior vantagem e as mulheres eram sempre as doadoras.

A maioria das minhas interações com os tios da comunidade sempre foi desconfortável e assustadora. Eles se aproximavam de mim quando precisavam me disciplinar ou quando tinham outras intenções sexuais.

Eu assisti a como eles constantemente desejavam as mulheres na comunidade. Sexo era algo tão normal como escovar os dentes ou comer, em todos os livros que líamos e em muitos dos vídeos que víamos e no dia a dia de nossas comunidades. Dormir com o barulho das mulheres gemendo “Obrigada, Jesus” enquanto faziam sexo em nossos quartos me aterrorizava quando eu era uma criança pequena. Eu realmente não entendia o que estava acontecendo e tinha ataques de pânico, pensando que os homens as estavam machucando.

Mesmo tentando nos ensinar que o sexo e a sexualidade eram coisas puras, lindas e prazerosas, para mim, ainda era algo que não me parecia certo; e se não parecia certo, provavelmente não era.

Outro desafio foi passar por todas as doenças infantis, uma vez que eles não acreditavam em médicos nem remédios. Berg queria que todos nós tivéssemos fé em Deus, portanto, se ficássemos doentes, foi porque cometemos um pecado e Ele estava nos punindo ou nos ensinando uma lição. Quando um de nós ficava doente, logo toda a comunidade estava infectada.

Lembro-me de passar semanas na cama com febre e muito, muito doente. Sarampo, escarlatina, diga uma doença e eu direi a você que nós a tivemos. Quando eu tinha 5 anos toda a comunidade pegou sarampo, passamos todos os dias na cama com febre alta. Eu sabia que meus irmãos e minhas irmãs estavam muito doentes também, mas naquela época não tinha ideia de quão grave o estado da minha irmã mais velha tinha se tornado. Ela contraiu sarampo e depois pegou pneumonia.

Ouvi que ela estava vomitando sangue, que também estava saindo por seus ouvidos. Naquele momento eu não sabia o que estava acontecendo, porém mais tarde descobri que minha mãe estava tentando levá-la ao hospital e os líderes da comunidade continuavam dizendo que ela precisava ter mais fé e acreditar que Deus ia curar minha irmã. Chegou a um ponto em que minha mãe sabia que não havia outra maneira e achou alguém para levá-la ao hospital. Quando chegaram lá, o médico olhou para minha irmã e disse que era tarde demais, ela ia morrer. Minha mãe estava grávida naquele momento, e não acho que algum dia eu serei capaz de imaginar o tamanho da dor que ela sentiu quando alguns dias depois nosso pequeno anjo morreu.